

ÍNDICE DE TEXTO	PÁGINA
I. APRESENTAÇÃO	i/i
II.1. IDENTIFICAÇÃO DA ATIVIDADE E DO EMPREENDEDOR	II.1-1/2
II.1.1. Denominação Oficial da Atividade	II.1-1/2
II.1.2. Identificação do Empreendedor	II.1-1/2
II.1.3. Identificação da Unidade de Perfuração e Embarcações	II.1-2/2
ANEXO A - Cadastro Técnico Federal (CTF) de Atividades Potencialmente Poluidoras e/ou Utilizadoras dos Recursos Ambientais	
II.2. CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE	II.2-1/7
II.3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	II.3-1/9
II.3.1. Descrição Geral do Processo de Perfuração	II.3-1/9
II.3.2. Informações acerca das Condições para Uso e Descarte de Fluidos de Perfuração, Fluidos Complementares e Pastas de Cimento Previstos na Atividade de Perfuração	II.3-7/9
II.4. ÁREA DE ESTUDO	II.4-1/17
II.4.1. Considerações Iniciais	II.4-1/17
II.4.2. Detalhamento dos Critérios para o Estabelecimento da Área de Estudo	II.4-2/17
II.4.3. Síntese da Área de Estudo	II.4-15/17
II.5. DIAGNÓSTICO AMBIENTAL	II.5-1/1
II.5.1. Meio Físico	II.5.1
II.5.1.1. Meteorologia e Oceanografia	II.5.1.1-1/1
II.5.1.2. Geologia e Geomorfologia	II.5.1.2-1/28
II.5.1.2.1. Localização	II.5.1.2-1/28
II.5.1.2.1. Geologia Regional	II.5.1.2-2/28
II.5.1.2.2. Geologia Local	II.5.1.2-28/28
ANEXO A - Mapa Estrutural	
ANEXO B - Carta Estratigráfica Formal para a Bacia de Santos	
ANEXO C - Mapa Fisiográfico	
ANEXO D - Mapa Faciológico	
II.5.2. Meio Biótico	II.5.2-1/2
II.5.2.1. Bancos Biogênicos	II.5.2.1-1/20
II.5.2.2. Quelônios	II.5.2.2-1/25
II.5.2.3. Recursos Pesqueiros	II.5.2.3-1/45
II.5.2.4. Avifauna	II.5.2.4-1/32
II.5.2.5. Mamíferos Marinhos	II.5.2.5-1/27
II.5.2.6. Ecossistemas	II.5.2.6-1/21
II.5.3. Meio Socioeconômico	II.5.3-1/42
ANEXO A – Relatório Fotográfico	
II.5.4. Síntese da Qualidade Ambiental	II.5.4-1/20

ÍNDICE DE TEXTO	PÁGINA
II.6. MODELAGEM NUMÉRICA	II.6-1/1
II.7. IDENTIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS	II.7-1/246
II.7.1. Metodologia	II.7-1/246
II.7.1.1. Conceitos Básicos	II.7-1/246
II.7.1.2. Procedimentos	II.7-2/246
II.7.2. Avaliação de Impactos	II.7-6/246
II.7.2.1. Meios Físico e Biótico	II.7-10/246
II.7.2.1.1 Cenário de Operação Normal da Atividade – Impactos Efetivos / Operacionais	II.7-10/246
II.7.2.1.2 Cenário Acidental – Impactos Potenciais	II.7-91/246
II.7.2.2. Meio Socioeconômico	II.7-171/246
II.7.2.2.1 Cenário de Operação Normal da Atividade – Impactos Efetivos / Operacionais	II.7-171/246
II.7.2.2.2 Cenário Acidental – Impactos Potenciais	I.7-197/246
II.7.2.3. Impactos sobre Unidades de Conservação	I.7-212/246
II.7.3. Considerações Finais	II.7-214/246
II.7.4. Referência Bibliográficas	II.7-215/246
ANEXO A - Diretrizes Metodológicas do TR CGPEG/DILIC/IBAMA nº 17/2016	
II.8. ÁREA DE INFLUÊNCIA	II.8-1/7
II.8.1. Considerações Iniciais	II.8-1/7
II.8.2. Detalhamento dos Critérios para o Estabelecimento da Área de Influência	II.8-2/7
II.8.3. Síntese da Área de Influência	II.8-6/7
II.9. ANÁLISE E GERENCIAMENTO DE RISCO	II.9-1/287
II.9.1. Descrição das Instalações	II.9-1/287
II.9.2. Análise Histórica de Acidentes Ambientais	II.9-2/287
II.9.2.1. Introdução	II.9-2/287
II.9.2.2. Ocorrência de acidente por tipologia acidental	II.9-7/287
II.9.2.3. Frequências associadas às tipologias acidentais	II.9-16/287
II.9.2.4. Conclusão da Análise Histórica de Acidentes Ambientais	II.9-20/287
II.9.3. Identificação dos Cenários Acidentais	II.9-35/287
II.9.3.1. Introdução	II.9-35/287
II.9.3.2. Metodologia Empregada	II.9-35/287
II.9.3.3. Sistemas e Subsistemas Analisados	II.9-40/287
II.9.3.4. Volumes Liberados de Óleo	II.9-45/287
II.9.3.5. Avaliação das frequências de ocorrência dos cenários acidentais	II.9-50/287
II.9.3.6. Árvore de eventos	II.9-95/287
II.9.4. Avaliação das Consequências	II.9-107/287
II.9.4.1. Modelagem de dispersão de óleo	II.9-107/287
II.9.4.2. Análise de Vulnerabilidade e Identificação dos Componentes com Valor Ambiental	II.9-114/287
II.9.4.3. Cálculo da Probabilidade dos Componentes à Presença de Óleo	II.9-227/287

ÍNDICE DE TEXTO	PÁGINA
II.9.5. Cálculo dos Riscos Ambientais	II.9-257/287
II.9.6. Tolerabilidade dos Riscos	II.9-262/287
II.9.7. Revisão do Estudo de Análise de Riscos	II.9-266/287
II.9.8. Plano de Gerenciamento de Riscos	II.9-266/287
II.9.8.1. Introdução	II.9-266/287
II.9.8.2. Riscos que estão sendo gerenciados	II.9-267/287
II.9.8.3. Medidas preventivas de gerenciamento de riscos	II.9-275/287
II.9.9. Considerações Finais	II.9-275/287
II.9.10. Referências Bibliográficas	II.9-275/287
ANEXO A – <i>Process and Instrumentation Diagrams</i> (P&IDs) dos principais sistemas da unidade de perfuração.	
ANEXO B – Arranjo Geral e Plano de Capacidade da Unidade de Perfuração	
ANEXO C – Programa de Gerenciamento de Riscos da Unidade de Perfuração	
II.10. PLANO DE EMERGÊNCIA INDIVIDUAL (PEI)	II.10-1/49
ANEXO A - Características da Unidade de Perfuração e Atividades de Apoio	
ANEXO B - Arranjo Geral e Plano de Capacidade da Unidade de Perfuração	
ANEXO C - Informações Referenciais	
ANEXO D - Formulários	
ANEXO E - Lista de Contatos	
ANEXO F - Dimensionamento da Capacidade de Resposta	
ANEXO G - Contratos	
ANEXO H - Monitoramento da Mancha de Óleo	
ANEXO I - Plano Estratégico de Proteção e Limpeza da Costa (PEPLC)	
ANEXO J - Plano de Ação Para o Resgate de Fauna em Derramamentos de Petróleo Durante a Atividade de Perfuração Marítima no Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	
ANEXO K - Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental dos Responsáveis Técnicos pela Elaboração do Plano de Emergência	
II.11. PROJETOS DE CONTROLE E MONITORAMENTO AMBIENTAL	II.11-1/4
II.11.1. Projeto de Monitoramento Ambiental	II.11.1-1/9
ANEXO A – Ficha de Notificação de Formações Biogênicas Bentônicas	
ANEXO B – Ficha de Registro da Fauna Marinha	
II.11.1.1. Projeto de Monitoramento de Fluidos e Cascalho	II.11.1.1-1/1
II.11.2. Projeto de Controle da Poluição	II.11.2-1/1
II.11.3. Projeto de Comunicação Social	II.11.3-1/7
ANEXO A – Boletim Informativo	
ANEXO B – Anúncios de Rádios e Jornais	
II.11.4. Projeto de Educação Ambiental dos Trabalhadores	II.11.4-1/11
ANEXO A – Apostila	
ANEXO B – Exposições Dialogadas	
ANEXO C – Dinâmicas de Grupo	
ANEXO D – Modelo de Lista de Presença	
ANEXO E – Modelo de Fichas de Avaliação	

ÍNDICE DE TEXTO	PÁGINA
II.11.5. PROJETO DE MONITORAMENTO DE IMPACTOS DE PLATAFORMAS E EMBARCAÇÕES SOBRE A AVIFAUNA	II.11.5-1/1
II.12. CONCLUSÃO	II.12-1/3
II.13. EQUIPE TÉCNICA ANEXO – Cadastro Técnico Federal (CTFs)	II.13-1/1
II.14. BIBLIOGRAFIA	II.14-1/61

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.1.1 – Identificação do Empreendedor	II.1-1/2
TABELA II.2.1 – Coordenadas geográficas dos vértices do Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.2-1/7
TABELA II.2.2 – Coordenadas preliminares dos poços previstos no Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.2-3/7
TABELA II.2.3 – Projeto de Poço	II.2-5/7
TABELA II.2.4 - Cronograma previsto para as atividades no Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.2-7/7
TABELA II.3.1.1 – Operações complementares previstas para a atividade de perfuração no Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.3-4/9
TABELA II.3.1.2 – Instalações do Complexo Aeroportuário de Jacarepaguá/RJ	II.3-6/9
TABELA II.3.2.1 – Volumetria de Cascalhos (m ³)	II.3-8/9
TABELA II.3.2.2 – Volumetria de Fluidos de Perfuração (m ³)	II.3-8/9
TABELA II.3.2.3 – Volumetria (m ³), Função e Destinação de Fluidos Complementares	II.3-8/9
TABELA II.3.2.4 – Volumetria (m ³) e Destinação de Pastas de Cimento – Poço Tipo-1 (Pré-Sal)	II.3-9/9
TABELA II.4.2.1 – Infraestrutura de apoio à Atividade de Perfuração Marítima no Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.4-5/17
TABELA II.4.2.2 – Municípios analisados para inclusão na Área de Estudo, áreas de pesca e fontes consultadas	II.4-7/17
TABELA II.4.2.3 – Resultados integrados da modelagem de óleo para o Bloco BM-S-8 (cenário <i>blowout</i> – 1.167.000 m ³) – Pior caso por município	II.4-11/17
TABELA II.4.2.4 – Unidades de Conservação Costeiras – resultados da modelagem de óleo para o Bloco BM-S-8 (cenário de <i>blowout</i> – 1.167.000 m ³)	II.4-12/17
TABELA II.4.2.5 – Unidades de Conservação Marinhas – resultados da modelagem de óleo para o Bloco BM-S-8 (cenário de <i>blowout</i> – 1.167.000 m ³)	II.4-13/17
TABELA II.4.3.1 – Municípios da área de estudo e critérios de inclusão	II.4-16/17
TABELA II.5.2.1 – Correlação entre os itens solicitados no Termo de Referência 17/2016 do IBAMA e os itens elaborados no presente item	II.5.2-2/2
TABELA II.5.2.1.1 – Algumas espécies de moluscos presentes na área de estudo	II.5.2.1-6/20
TABELA II.5.2.1.2 – Ocorrência de espécies de corais de águas rasas na área de estudo no Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.5.2.1-11/20
TABELA II.5.2.1.3 – Principais espécies de corais de águas profundas presentes na área de estudo do Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.5.2.1-14/20
TABELA II.5.2.1.4 – Áreas Prioritárias para Conservação de Bancos Biogênicos das Zonas Marinha e Costeira presentes na área de estudo	II.5.2.1-17/20
TABELA II.5.2.2.1 – Espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil e na área de estudo	II.5.2.2-17/20
TABELA II.5.2.2.2 – Áreas prioritárias para conservação dos quelônios presentes nas áreas costeira e marinha da área de estudo	II.5.2.2-21/45
TABELA II.5.2.3.1 – Ecologia das principais espécies de peixes teleósteos utilizados como recursos pesqueiros presentes na área de estudo	II.5.2.3-4/45
TABELA II.5.2.3.2 – Ecologia das principais espécies de elasmobrânquios presentes na área de estudo da Statoil, e utilizadas como recursos pesqueiros	II.5.2.3-17/45
TABELA II.5.2.3.3 – Ecologia das principais espécies de crustáceos presentes na área de estudo da Statoil, e utilizadas como recursos pesqueiros	II.5.2.3-28/45
TABELA II.5.2.3.4 - Ecologia das principais espécies de cefalópodes utilizadas como recursos pesqueiros, presentes na área de estudo da Statoil	II.5.2.3-34/45
TABELA II.5.2.3.5 - Espécies utilizadas como recursos pesqueiros e ameaçadas de extinção, presentes na área de estudo do Bloco BM-S-8	II.5.2.3-36/45
TABELA II.5.2.3.6 – Períodos de defeso estabelecidos para algumas das espécies de importância comercial presentes na área de estudo	II.5.2.3-39/45
TABELA II.5.2.3.7 - Áreas prioritárias para conservação de Recursos Pesqueiros presentes na da área de estudo do Bloco BM-S-8	II.5.2.3-40/45
TABELA II.5.2.4.1 - Lista das espécies de aves com registros na área de estudo ou áreas próximas (ocorrência potencial), origem, habitat preferencial, períodos de ocorrência e reprodução e status de conservação. O status quanto à origem refere-se ao Brasil como um todo, e não apenas à região do estudo	II.5.2.4-5/32
TABELA II.5.2.4.2 – Áreas de concentração de aves na área de estudo da presente atividade no litoral do estado do Rio de Janeiro e respectiva importância	II.5.2.4-22/32

TABELA II.5.2.4.3 - Áreas de concentração de aves na área de estudo da presente atividade no litoral do estado de Santa Catarina e respectiva importância	II.5.2.4-24/32
TABELA II.5.2.4.4 - Lista de Planos de Ação atuantes no Brasil	II.5.2.4-25/32
TABELA II.5.2.4.5 – Áreas Prioritárias para Conservação de Aves localizadas na área de estudo e seu entorno	II.5.2.4-26/32
TABELA II.5.2.5.1 – Cetáceos com ocorrência provável e confirmada na área de estudo do Bloco BM-S-8, origem, sazonalidade, registros de ocorrência e status de conservação nacional e global	II.5.2.5-3/27
TABELA II.5.2.5.2 – Pinípedes com ocorrência provável e confirmada na área de estudo, suas origens, sazonalidade e status de conservação nacional e global	II.5.2.5-14/27
TABELA II.5.2.5.3 – Áreas prioritárias para conservação de mamíferos marinhos presentes nas áreas costeira e marinha da área de estudo e região adjacente	II.5.2.5-22/27
TABELA II.5.2.6.1 - Áreas Prioritárias para Conservação dos Ecossistemas da Zonas Marinha e Costeira da Área de Estudo	II.5.2.6-18/21
TABELA II.5.3.1 – Abordagens participativas utilizadas em campo e correspondência com os tipos de informações obtidas	II.5.3-2/42
TABELA II.5.3.2 – Tipologia das embarcações da Bacias de Campos	II.5.3-3/42
TABELA II.5.3.3 – Bases de apoio localizadas na área de estudo	II.5.3-5/42
TABELA II.5.3.4 – Área de pesca da frota pesqueira industrial da área de estudo	II.5.3-7/42
TABELA II.5.3.5 – Caracterização da frota pesqueira industrial da área de estudo	II.5.3-8/42
TABELA II.5.3.6 – Principais pescados capturados, safra correspondente e período de defeso	II.5.3-9/42
TABELA II.5.3.7 – Caracterização da frota pesqueira artesanal área de estudo	II.5.3-11/42
TABELA II.5.3.8 – Artes de pesca praticadas na atividade embarcada e desembarcada pelas principais comunidades / localidades pesqueiras artesanais dos municípios da área de estudo	II.5.3-13/42
TABELA II.5.3.9 – Principais recursos explorados e comercializados pelas principais comunidades / localidades pesqueiras artesanais dos municípios da área de estudo	II.5.3-18/42
TABELA II.5.3.10 – Áreas de pesca utilizadas pelas principais comunidades / localidades pesqueiras artesanais dos municípios da área de estudo	II.5.3-24/42
TABELA II.5.3.11 – Estrutura de apoio à pesca existente nas principais comunidades / localidades pesqueiras artesanais dos municípios da área de estudo	II.5.3-36/42
TABELA II.5.4.1 – Áreas Prioritárias para Conservação da Zonas Marinha e Costeira presentes na área de estudo	II.5.4-1/20
TABELA II.5.4.2 – Espécies de peixes teleósteos e cartilaginosos de interesse comercial presentes na área de estudo ameaçados de extinção no Brasil e/ou no mundo	II.5.4-8/20
TABELA II.5.4.3 – Períodos de defeso e proibição para as espécies que ocorrem na área de estudo	II.5.4-11/20
TABELA II.5.4.4 – Mamíferos marinhos com ocorrência na área de estudo e seus status de conservação	II.5.4-13/20
TABELA II.5.4.5 – Espécies de tartarugas marinhas presentes na área de estudo e seus status de conservação	II.5.4-15/20
TABELA II.5.4.6 – Espécies de aves presentes na área de estudo e seus status de conservação	II.5.4-16/20
TABELA II.7.1.1 – Conjugação de magnitude e sensibilidade para interpretação da importância do impacto	II.7-3/246
TABELA II.7.1.2 – Definições dos Atributos dos Impactos	II.7-4/246
TABELA II.7.2.1 – Principais ações geradoras de impactos associadas às atividades de Perfuração Marítima de Poços na Bacia de Santos	II.7-7/246
TABELA II.7.2.2 – Principais ações geradoras de impactos associadas a atividade de perfuração na Bacia de Santos – Cenário Acidental	II.7-8/246
TABELA II.7.2.3 – Resultados das Simulações de Pior Caso	II.7-9/246
TABELA II.7.2.1.1 – Relação entre os aspectos ambientais, fatores ambientais e impactos ambientais identificados	II.7-12/246
TABELA II.7.2.1.2 – Matriz de Interação – aspectos ambientais, fatores ambientais, impactos ambientais	II.7-14/246
TABELA II.7.2.1.3 – Faixa de audição para cada grupo de mamífero marinho	II.7-33/246
TABELA II.7.2.1.4 – Resposta da baleia-cinza aos sons que imitam (“Playback”) os produzidos por sondas de perfuração. Dados provenientes de MALME et al. (1984) apud MOORE & CLARKE (2002)	II.7-36/246
TABELA II.7.2.1.5 – Períodos de defeso de espécies encontradas na área de estudo	II.7-48/246

TABELA II.7.2.1.6 - Fatores de Emissão publicados no AP-42 para motores a diesel	II.7-56/246
TABELA II.7.2.1.7 – Estimativa mensal de emissões geradas pela operação dos motores diesel	II.7-56/246
TABELA II.7.2.1.8 – Fatores de Emissão publicados no GHG Protocol, para GEE	II.7-56/246
TABELA II.7.2.1.9 – Estimativa de emissões mensais de GEE	II.7-57/246
TABELA II.7.2.1.10 - Matriz de Avaliação de Impacto Ambiental	II.7-90/246
TABELA II.7.2.1.11 – Principais acidentes em cada fase da atividade	II.7-93/246
TABELA II.7.2.1.12 – Relação entre os aspectos ambientais, fatores ambientais e impactos ambientais identificados	II.7-94/246
TABELA II.7.2.1.13 – Matriz de Interação – aspectos ambientais, fatores ambientais, impactos ambientais	II.7-96/246
TABELA II.7.2.1.14 – Áreas prioritárias para organismos bentônicos na área de estudo	II.7-123/246
TABELA II.7.2.1.15 – Áreas prioritárias para a ictiofauna na área de estudo	II.7-132/246
TABELA II.7.2.1.16 – Áreas prioritárias para os mamíferos marinhos presentes na área de estudo	II.7-139/246
TABELA II.7.2.1.17 – Áreas prioritárias para as tartarugas-marinhas presentes na área de estudo	II.7-145/246
TABELA II.7.2.1.18 – Áreas prioritárias para a avifauna presentes na área de estudo	II.7-150/246
TABELA II.7.2.1.19 – Áreas prioritária para o ecossistema praia presente na área de estudo do Bloco BM-S-8	II.7-155/246
TABELA II.7.2.1.20 – Efeitos do Vazamento de Óleo em Florestas de Manguezais	II.7-161/246
TABELA II.7.2.1.21 – Áreas prioritárias para os ecossistemas manguezal e marisma, presentes na área de estudo do Bloco BM-S-8	II.7-163/246
TABELA II.7.2.1.22 - Matriz de Avaliação de Impacto Ambiental - Cenário Acidental	II.7-170/246
TABELA II.7.2.2.1 – Relação entre os aspectos ambientais, fatores ambientais e impactos ambientais identificados	II.7-172/246
TABELA II.7.2.2.2 – Matriz de Interação – aspectos ambientais, fatores ambientais e impactos ambientais	II.7-174/246
TABELA II.7.2.2.3 – Matriz de avaliação de impacto ambiental – Cenário de Operação Normal	II.7-196/246
TABELA II.7.2.2.4 – Relação entre o aspecto ambiental, fatores ambientais e impactos ambientais identificados	II.7-199/246
TABELA II.7.2.2.5 – Matriz de Interação – aspecto ambiental, fatores ambientais e impactos ambientais	II.7-199/246
TABELA II.7.2.2.6 – Matriz de avaliação de impacto ambiental – Cenário Acidental	II.7-211/246
TABELA II.8.1 – Municípios da área de influência e critérios de inclusão	II.8-6/7
TABELA II.9.2.1 – Número total de unidades marítimas por tipo de unidade/instalação (móvel, fixa ou outras) – 1970 – 2013 (WOAD <i>on line</i>)	II.9-5/287
TABELA II.9.2.2 – Número de ocorrências de acidentes por tipo de unidade/instalação em todo o mundo – 1970 – 2013 (WOAD <i>on line</i>)	II.9-6/287
TABELA II.9.2.3 – Número de ocorrências de acidentes em navios-sonda por tipo de acidentes e por região – 1970 – 2013 (WOAD <i>on line</i>)	II.9-7/287
TABELA II.9.2.4 – Número de ocorrências em navio-sonda por tipo de acidentes e pelo grau de intensidade do dano – 1970 – 2013 (WOAD <i>on line</i>)	II.9-8/287
TABELA II.9.2.5 – Número de liberações acidentais de óleo cru, óleo diesel ou outras substâncias químicas ocorridas em navios-sonda em todo o mundo	II.9-9/287
TABELA II.9.2.6 – Derramamentos acidentais de óleo em atividades marítimas de E&P no período 1968-1999	II.9-10/287
TABELA II.9.2.7 – Frequência de derramamentos de óleo decorrentes de blowouts (por poço perfurado)	II.9-11/287
TABELA II.9.2.8 – Distribuição histórica dos incidentes comunicados à ANP em unidades de perfuração e produção marítimas e terrestres	II.9-12/287
TABELA II.9.2.9 – Distribuição histórica das comunicados de acidentes e quase acidentes à ANP em unidades de perfuração e produção marítimas e terrestres	II.9-13/287

TABELA II.9.2.10 – Tipos de incidentes e grandezas relativas ao nível de atividades utilizadas para normalizar os dados	II.9-14/287
TABELA II.9.2.11 – Distribuição dos volumes descarregados (m ³) em incidentes com perda de contenção	II.9-16/287
TABELA II.9.2.12 – Número de unidades móveis de perfuração (UM) e navios-sonda (NS) em operação por área geográfica e por período (unidades-ano).	II.9-17/287
TABELA II.9.2.13 – Frequência média de ocorrência de acidentes em unidades móveis de perfuração (UM) e navios-sonda (NS) em todo o mundo no período 1980-1997 (ocorrências / 1.000 unidades-ano)	II.9-18/287
TABELA II.9.2.14 – Número de ocorrências de acidentes e respectivas frequências (por unidade ano) por tipo de unidade móvel de perfuração (UM). Plataforma Continental do Reino Unido, 1990-2007	II.9-19/287
TABELA II.9.2.15 – Unidades Móveis de Perfuração - UM - Número de ocorrências de acidentes e respectivas frequências (por unidade ano). Plataforma Continental do Reino Unido, 1990-2007	II.9-20/287
TABELA II.9.2.16 – Acidentes ambientais e descrição dos impactos ambientais reportados (1968 – 2006)	II.9-23/287
TABELA II.9.3.1 – Categorias de frequência dos cenários acidentais	II.9-38/287
TABELA II.9.3.2 – Categorias de severidade para danos ao meio ambiente	II.9-39/287
TABELA II.9.3.3 – Matriz para classificação de risco dos cenários acidentais	II.9-39/287
TABELA II.9.3.4 – Identificação dos sistemas e subsistemas analisados para a atividade de perfuração no Bloco BM-S-8	II.9-41/287
TABELA II.9.3.5 – Cenários acidentais analisados	II.9-42/287
TABELA II.9.3.6 – Categorias de severidade versus faixas de volume (CONAMA nº 398/08)	II.9-44/287
TABELA II.9.3.7 – Cenários envolvendo vazamento de óleo para o mar	II.9-47/287
TABELA II.9.3.8 – Cenários envolvendo vazamentos de óleo não contabilizados para o cálculo do Risco Ambiental	II.9-48/287
TABELA II.9.3.9 – Cálculo dos volumes liberados de óleo	II.9-49/287
TABELA II.9.3.10 – Frequência e categoria dos cenários 01 e 02	II.9-51/287
TABELA II.9.3.11 – Frequência e categoria dos cenários 03 e 04	II.9-51/287
TABELA II.9.3.12 – Frequência e categoria dos cenários 05, 06 e 07	II.9-52/287
TABELA II.9.3.13 – Frequência e categoria do cenário 08	II.9-52/287
TABELA II.9.3.14 – Frequência e categoria dos cenários 09, 10 e 11	II.9-53/287
TABELA II.9.3.15 – Frequência e categoria dos cenários 12 e 13	II.9-53/287
TABELA II.9.3.16 – Frequência e categoria do cenário 14	II.9-54/287
TABELA II.9.3.17 – Frequência e categoria dos cenários 15 e 16	II.9-55/287
TABELA II.9.3.18 – Frequência e categoria dos cenários 17 e 18	II.9-55/287
TABELA II.9.3.19 – Frequência e categoria dos cenários 19 e 20	II.9-56/287
TABELA II.9.3.20 – Frequência e categoria dos cenários 21 e 22	II.9-56/287
TABELA II.9.3.21 – Frequência e categoria do cenário 23	II.9-57/287
TABELA II.9.3.22 – Frequência e categoria do cenário 24	II.9-57/287
TABELA II.9.3.23 – Sumário dos resultados obtidos	II.9-58/287
TABELA II.9.3.24 – Distribuição das recomendações / observações resultantes da APR nos cenários analisados	II.9-92/287
TABELA II.9.3.25 – Probabilidades de Ignição	II.9-97/287
TABELA II.9.3.26 – Probabilidades de ignição e de explosão dos cenários acidentais	II.9-100/287
TABELA II.9.3.27 – Frequências dos cenários acidentais	II.9-101/287
TABELA II.9.4.1.1 - Cenários realizados para os pontos de risco na Bacia de Santos	II.9-108/287
TABELA II.9.4.1.2 - Coordenadas dos pontos de vazamento na Bacia de Santos (Datum SIRGAS 2000)	II.9-108/287
TABELA II.9.4.1.3 - Características do óleo utilizado na simulação	II.9-109/287
TABELA II.9.4.2.1 – Impactos e tempo de recuperação de árvores de manguezais em oito vazamentos de óleo e cinco locais	II.9-122/287

TABELA II.9.4.2.2 – Ordem de grandeza temporal de cada um dos processos de degradação do ambiente manguezal quando de significativa contaminação por óleo	II.9-124/287
TABELA II.9.4.2.3 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre os manguezais	II.9-125/287
TABELA II.9.4.2.4 - Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre as praias	II.9-138/287
TABELA II.9.4.2.5 - Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre os recifes rochosos e recifes de corais	II.9-146/287
TABELA II.9.4.2.6 – Sensibilidade dos artefatos de pesca a danos causados por encalhe ou contaminação por óleo	II.9-166/287
TABELA II.9.4.2.7 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre a pesca e os recursos pesqueiros	II.9-168/287
TABELA II.9.4.2.8 – Cetáceos ameaçados de extinção no Brasil e/ou no mundo presentes na área com probabilidade de presença de óleo e status de conservação nacional e global (MMA, 2014; IUCN, 2016)	II.9-172/287
TABELA II.9.4.2.9 – Pinípedes que podem ocorrer na área e seu grau de ameaça global (IUCN, 2016) e nacional (MMA, 2014)	II.9-192/287
TABELA II.9.4.2.10 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre os pinípedes	II.9-196/287
TABELA II.9.4.2.11 – Lista de espécies de tartarugas marinhas encontradas na área de estudo	II.9-200/287
TABELA II.9.4.2.12 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre as tartarugas marinhas	II.9-206/287
TABELA II.9.4.2.13 – Aves ameaçadas de extinção com registros na área de estudo e status de conservação no Brasil (MMA, 2014) e no mundo (IUCN, 2016)	II.9-210/287
TABELA II.9.4.2.14 – Tempo de recuperação e classificação dos componentes ambientais ao óleo	II.9-224/287
TABELA II.9.4.3.1 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Aves Marinhas Costeiras	II.9-229/287
TABELA II.9.4.3.2 - Probabilidade ponderada de presença e tempo mínimo de chegada de óleo nos CVAs Avifauna Marinha Oceânica, Cetáceos e Tartarugas Marinhas em cada cenário	II.9-233/287
TABELA II.9.4.3.3 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no SVA Boto-cinza (<i>Sotalia guianensis</i>).	II.9-235/287
TABELA II.9.4.3.4 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no SVA – Toninha	II.9-237/287
TABELA II.9.4.3.5 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no SVA – Reprodução de Baleia-Franca (<i>Eubalaena australis</i>)	II.9-239/287
TABELA II.9.4.3.6 - Probabilidade ponderada de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Costeiros	II.9-241/287
TABELA II.9.4.3.7 - Probabilidade ponderada de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Oceânicos	II.9-245/287
TABELA II.9.4.3.8 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Pinípedes	II.9-246/287
TABELA II.9.4.3.9 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Marismas	II.9-249/287
TABELA II.9.4.3.10 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Recifes Rochosos	II.9-251/287
TABELA II.9.4.3.11 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Praias Arenosas.	II.9-253/287
TABELA II.9.4.3.12 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Manguezais	II.9-255/287
TABELA II.9.4.3.13 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Estuários	II.9-257/287
TABELA II.9.5.1 - Somatório das frequências de ocorrência dos cenários acidentais para cada faixa de volume	II.9-257/287
TABELA II.9.5.2 – Probabilidade de presença de óleo e Risco Ambiental por Componente e Subcomponente de Valor Ambiental (CVA/SVA), Cenário Sazonal, Volume Vazado	II.9-259/287
TABELA II.9.6.1 – Tolerabilidade percentual e Tempo de Recorrência de um evento por Componente e Subcomponente de Valor Ambiental (CVA/SVA), Cenário Sazonal, Volume Vazado	II.9-263/287

TABELA II.9.8.1 – Riscos avaliados e recomendações preventivas associadas	II.9-267/287
TABELA II.9.8.2 – Medidas de gerenciamento de riscos (Procedimentos estabelecidos pela empresa proprietária da unidade de perfuração)	II.9-274/287
PLANO DE EMERGÊNCIA INDIVIDUAL - PEI	
TABELA 1 – Telefones dos Comandantes das Equipes de Resposta à Emergência da Statoil	II.10-4/49
TABELA 2 – Coordenadas geográficas dos vértices do Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.10-6/49
TABELA 3 – Comunicações obrigatórias às autoridades governamentais	II.10-12/49
TABELA 4 – Responsabilidades e atribuições dos componentes da Estrutura Organizacional de Resposta da STATOIL na Linha 1 (local)	II.10-20/49
TABELA 5 – Responsabilidades e atribuições dos componentes da Estrutura Organizacional de Resposta da STATOIL na Linha 2	II.10-22/49
TABELA 6 – Responsabilidades e atribuições da Estrutura Organizacional de Resposta da STATOIL - Linha 3	II.10-28/49
TABELA 7 – Recursos para contenção e recolhimento de óleo em mar aberto	II.10-30/49
TABELA 8 – Recursos adicionais disponíveis nas bases de resposta à emergência: Base da OceanPact (Niterói)	II.10-38/49
TABELA 9 – Capacidade de armazenamento temporário de óleo das embarcações	II.10-39/49
TABELA 10 – Tabela síntese dos recursos disponíveis	II.10-43/49
PROJETO DE MONITORAMENTO AMBIENTAL - PMA	
TABELA II.11.1.1 – Localização e características dos poços previstos no Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.11.1-1/9
TABELA II.11.1.2. Metas e indicadores para o monitoramento ambiental no Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.11.1-4/9
TABELA II.11.1.3. Cronograma das atividades de monitoramento ambiental no Bloco BM-S-8, Bacia de Santos, onde cada lacuna representa 1 mês	II.11.1-8/9
TABELA II.11.1.4. Responsáveis técnicos pela elaboração do Projeto de Monitoramento Ambiental.	II.11.1-9/9
PROJETO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PCS	
TABELA II.11.3.1 – Objetivos específicos, metas e indicadores	II.11.3-2/7
TABELA II.11.3.2 – Público-alvo do PCS	II.11.3-2/7
TABELA II.11.3.3 – Resultados esperadas para as linhas de ação previstas para o PCS	II.11.3-5/7
TABELA II.11.3.4 – Cronograma Físico	II.11.3-6/7
TABELA II.11.3.5 – Responsável Técnico	II.11.3-7/7
PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DOS TRABALHADORES - PEAT	
TABELA II.11.4.1 – Metas, indicadores quantitativos e categorização estabelecida para caracterizar nível de excelência do Projeto	II.11.4-2/11
TABELA II.11.4.2 – Estimativa do quantitativo de trabalhadores a serem contemplados no PEAT	II.11.4-3/11
TABELA II.11.4.3 – Resumo das Ações	II.11.4-6/11
TABELA II.11.4.4 – Cronograma das atividades do PEAT	II.11.4-10/11
TABELA II.11.4.5 – Responsável Institucional	II.11.4-11/11
TABELA II.11.4.6 – Responsáveis técnicos pela elaboração do Projeto de Educação Ambiental dos Trabalhadores	II.11.4-11/11

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.2.1 – Mapa de localização do Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.2–2/7
FIGURA II.2.2 – Mapa de localização dos poços no Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.2–4/7
FIGURA II.3.1.1 – Esquema de Poço	II.3–2/9
FIGURA II.3.1.2 – Rota Estimada das embarcações de apoio até o Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.3–6/9
FIGURA II.3.1.3 – Rota Estimada da aeronave até o Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.3–7/9
FIGURA II.4.1.1 – Principais fatores ambientais que apresentam interação com a Atividade de Perfuração Marítima no Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.4-1/17
FIGURA II.4.2.1 – Localização dos poços previstos no Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.4-3/17
FIGURA II.4.2.2 – Rota das embarcações de apoio e aeronaves	II.4-4/17
FIGURA II.4.2.3 – Percentual de resíduos por município receptor durante a atividade de produção no Campo de Peregrino (jan/15 a nov/16)	II.4-6/17
FIGURA II.4.2.4 – Resultados da modelagem probabilística (<i>blowout</i>) do Período 1 (setembro a fevereiro)	II.4-14/17
FIGURA II.4.2.5 – Resultados da modelagem probabilística (<i>blowout</i>) do Período 2 (março a agosto)	II.4-14/17
FIGURA II.4.3.1 – Área de estudo	II.4-17/17
FIGURA II.5.1.2.1- Localização da Bacia de Santos	II.5.1.2–1/28
FIGURA II.5.1.2.2 - Configuração das bacias sedimentares na fase pré-rifte	II.5.1.2–3/28
FIGURA II.5.1.2.3 – Evolução da Margem Continental do tipo Atlântica em três fases	II.5.1.2–4/28
FIGURA II.5.1.2.4 – Evolução tectono-sedimentar da margem continental brasileira - Modelo geodinâmico. Este modelo compreende cinco fases, sendo: a-início do processo de ruptura, b-estiramento litosférico, c-movimentação de blocos, d-formação de distintos ambientes deposicionais e e-sedimentação siliciclástica	II.5.1.2–1/28
FIGURA II.5.1.2.5 – Esquema evolutivo da Bacia de Santos e área continental adjacente, sendo: A- Permiano a Jurássico, B- Eocretáceo, C- Neocretáceo e D-Paleoceano a Plioceno.	II.5.1.2–6/28
FIGURA II.5.1.2.6 – Perfil geológico, esquemático, sem escala, ao longo da área afetada pelo tectonismo Cenozoico	II.5.1.2–7/28
FIGURA II.5.1.2.7 – Mapa estrutural com a distribuição dos quatro riftes presentes na região sudeste: A – Paraíba do Sul, B – Litorâneo, C- Ribeira e D – Marítimo	II.5.1.2–8/28
FIGURA II.5.1.2.8 – Seção geológica esquemática da Bacia de Santos.	II.5.1.2–10/28
FIGURA II.5.1.2.9 – Seções sísmicas na porção centro-sul da Bacia de Santos, evidenciando as sequências estratigráficas do sin-rifte e pós-rifte, bem como a presença da tectônica de sal (primeiro perfil), além da sua continuação até a crosta oceânica (segundo perfil)	II.5.1.2–11/28
FIGURA II.5.1.4.10 – Seções geológicas esquemáticas da Bacia de Santos, transversais à linha de costa, divididos entre a parte central e centro sul. É possível identificar a presença das formações: Fm. Iguapé, Fm. Marambaia, Fm. Santos, Fm. Juréia, Fm. Guarujá, Fm. Itanhaém e Fm. Guaratiba	II.5.1.2–12/28
FIGURA II.5.1.2.11 – Quadro sumário dos ambientes deposicionais da Bacia de Santos. A presença de uma cunha de sedimentos continentais é indicativo de um alto no embasamento adjacente à bacia	II.5.1.2–15/28
FIGURA II.5.1.2.12 – Seção sísmica da Bacia de Santos evidenciando a presença de domos salinos	II.5.1.2–17/28
FIGURA II.5.1.2.13 – Seção sísmica interpretada para a Bacia de Santos, com os horizontes destacados relacionados a Carta Estratigráfica da Bacia	II.5.1.2–18/28
FIGURA II.5.1.2.14 – Carta estratigráfica da Bacia de Santos, indicando as principais estruturas cronoestratigráficas e sequências deposicionais	II.5.1.2–19/28
FIGURA II.5.1.2.15 – Modelos de acumulação de hidrocarbonetos para a Bacia de Santos	II.5.1.2–20/28
FIGURA II.5.1.2.16 – Principais estruturas geomorfológicas da margem continental sudeste brasileira, sobre os principais domínios fisiográficos: Margem Continental; Fundo da Bacia Oceânica e Cordilheira Mesoatlântica	II.5.1.2–21/28
FIGURA II.5.1.2.17 – Fácies sedimentares da Bacia de Campos e porção norte da Bacia de Santos. A batimetria é referente ao talude e sopé continental	II.5.1.2–26/28

FIGURA II.5.1.2.18 – Figura ilustrativa - Fácies sedimentares da porção sul da Bacia de Santos. A batimetria é referente ao talude e sopé continental	II.5.1.2–27/28
FIGURA II.5.2.1.1 – Espécie <i>Abra lioica</i> presente na área de estudo do Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.5.2.1–2/20
FIGURA II.5.2.1.2 – Espécies de vieiras presentes na área de estudo do Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos: <i>Chione pubera</i> (A), <i>Euvola ziczac</i> (B) e <i>Nodipecten nodosus</i> (C)	II.5.2.1–3/20
FIGURA II.5.2.1.3 – Distribuição das estações amostradas no Programa REVIZEE na região sudeste e sul do Brasil, com indicação da localização aproximada do Bloco BM-S-8 (círculo vermelho)	II.5.2.1–4/20
FIGURA II.5.2.1.4 – Abundância de indivíduos de Bivalvia por local de ocorrência registrados no Programa Revizee na região sudeste e sul do Brasil, com indicação da localização aproximada do Bloco BM-S-8 (círculo vermelho)	II.5.2.1–5/20
FIGURA II.5.2.1.5 – Localização do Bloco BM-S-8 e estações de coleta na região dos blocos BM-S-8, BM-S-9, BM-S-10, BM-S-11 e BM-S-21, na Bacia de Santos	II.5.2.1–6/20
FIGURA II.5.2.1.6 – Alga calcárea <i>Mesophyllum erubescens</i> na Ilha do Arvoredo (SC)	II.5.2.1–9/20
FIGURA II.5.2.1.7 – Coral <i>Madracis decactis</i>	II.5.2.1–12/20
FIGURA II.5.2.1.8 – Ilustração das principais espécies de corais formadoras de recifes de águas profundas: <i>Solenosmilia variabilis</i> (A), <i>Madrepora oculata</i> (B) e <i>Lophelia pertusa</i> (C)	II.5.2.1–12/20
FIGURA II.5.2.1.9 – Distribuição de corais de águas profundas na área de estudo do Bloco BM-S-8, Bacia de Santos	II.5.2.1–15/20
FIGURA II.5.2.1.10 – Mapa com as áreas prioritárias para conservação de bancos biogênicos das zonas marinhas e costeiras presentes na área de estudo	II.5.2.1–18/20
FIGURA II.5.2.2.1 – Rotas de deslocamento de tartarugas marinhas monitoradas pelo TAMAR. Modificado de Projeto TAMAR (2013)	II.5.2.2–2/25
FIGURA II.5.2.2.2 – Tartaruga-cabeçuda (<i>Caretta caretta</i>)	II.5.2.2–3/25
FIGURA II.5.2.2.3 – Área de distribuição da tartaruga-cabeçuda	II.5.2.2–4/25
FIGURA II.5.2.2.4 – Áreas de concentração da espécie <i>Caretta caretta</i> no Brasil	II.5.2.2–5/25
FIGURA II.5.2.2.4 – Tartaruga-verde (<i>Chelonia mydas</i>)	II.5.2.2–6/25
FIGURA II.5.2.2.5 – Área de distribuição da tartaruga-verde	II.5.2.2–6/25
FIGURA II.5.2.2.6 – Áreas de desova a alimentação monitorada da espécie <i>Chelonia mydas</i> no Brasil	II.5.2.2–8/25
FIGURA II.5.2.2.7 - Tartaruga-de-pente (<i>Eretmochelys imbricata</i>)	II.5.2.2–9/25
FIGURA II.5.2.2.8 – Área de distribuição da tartaruga-de-pente	II.5.2.2–9/25
FIGURA II.5.2.2.9 – Áreas de concentração da espécie <i>Eretmochelys imbricata</i> no Brasil	II.5.2.2–11/25
FIGURA II.5.2.2.10 – Tartaruga-oliva (<i>Lepidochelys olivacea</i>)	II.5.2.2–12/25
FIGURA II.5.2.2.11 – Área de distribuição da tartaruga-oliva	II.5.2.2–12/25
FIGURA II.5.2.2.12 – Áreas de desova e alimentação de <i>Lepidochelys olivacea</i> no Brasil	II.5.2.2–14/25
FIGURA II.5.2.2.13 – Tartaruga-de-couro (<i>Dermochelys coriacea</i>)	II.5.2.2–15/25
FIGURA II.5.2.2.14 - Área de distribuição da tartaruga-de-couro	II.5.2.2–15/25
FIGURA II.5.2.2.15 – Áreas de concentração da espécie <i>Dermochelys coriacea</i> no Brasil	II.5.2.2–16/25
FIGURA II.5.2.2.16 – Áreas prioritárias para a conservação de quelônios na área de estudo	II.5.2.2–23/25
FIGURA II.5.2.3.1 – Distribuição e zonação dos recursos pesqueiros encontrados na área de estudo	II.5.2.3–10/45
FIGURA II.5.2.3.2 – Percentual de teleósteos em relação às estações do ano em que eles se reproduzem	II.5.2.3–11/45
FIGURA II.5.2.3.3 – <i>Sardinella brasiliensis</i> (sardinha-verdadeira)	II.5.2.3–12/45
FIGURA II.5.2.3.4 – Distribuição de <i>Sardinella brasiliensis</i> no Atlântico Oeste entre os paralelos 22 e 35° S	II.5.2.3–12/45
FIGURA II.5.2.3.5 – Principais áreas de desova da <i>Sardinella brasiliensis</i> : costa do Estado do Rio de Janeiro; ao largo de Santos e Paranaguá; e entre Paranaguá e Itajaí	II.5.2.3–13/45
FIGURA II.5.2.3.6 – <i>Micropogonias furnieri</i> (corvina)	II.5.2.3–13/45
FIGURA II.5.2.3.7 – Distribuição de <i>Micropogonias furnieri</i> no Atlântico Oeste entre os paralelos 23 e 35° S	II.5.2.3–14/45
FIGURA II.5.2.3.8 – <i>Mugil Liza</i>	II.5.2.3–15/45

FIGURA II.5.2.3.9 – Distribuição dos principais peixes elasmobrânquios de importância comercial encontrados na área de estudo da Statoil	II.5.2.3–21/45
FIGURA II.5.2.3.10 – Percentual de direção do deslocamento feito por peixes cartilaginosos migratórios de importância comercial que ocorrem na área de estudo	II.5.2.3–22/45
FIGURA II.5.2.3.11 – Percentual de peixes cartilaginosos em relação às estações do ano em que eles se reproduzem	II.5.2.3–22/45
FIGURA II.5.2.3.12 – <i>Prionace glauca</i> (tubarão-azul)	II.5.2.3–23/45
FIGURA II.5.2.3.13 – Principal área de captura de <i>Prionace glauca</i> na região sul do Brasil	II.5.2.3–24/45
FIGURA II.5.2.3.14 – <i>Sphyrna lewini</i> (tubarão-martelo entalhado)	II.5.2.3–25/45
FIGURA II.5.2.3.15 – <i>Sphyrna zygaena</i> (tubarão-martelo liso)	II.5.2.3–25/45
FIGURA II.5.2.3.16 – Principais espécies de camarão pescadas no sudeste do Brasil. A) <i>Farfantepenaeus brasiliensis</i> (camarão-rosa); B) <i>Farfantepenaeus paulensis</i> (camarão-rosa); C) <i>Xiphopenaeus kroyeri</i> (camarão-sete-barbas); D) <i>Artemesia longinaris</i> (camarão-barba-ruça); E) <i>Pleoticus muelleri</i> (camarão-santana) e F) <i>Litopenaeus schimitti</i> (camarão-branco)	II.5.2.3–27/45
FIGURA II.5.2.3.17 – Áreas de pesca artesanal e industrial do camarão-rosa (<i>F. brasiliensis</i> e <i>F. paulensis</i>) no litoral sul-sudeste brasileiro	II.5.2.3–29/45
FIGURA II.5.2.3.18 – Meses em que ocorrem os principais picos de reprodução e recrutamento dos camarões de importância comercial para a área de estudo do Bloco BM-S-8, e o período de defeso estabelecido para as espécies	II.5.2.3–31/45
FIGURA II.5.2.3.19 – Principais espécies de cefalópodes de interesse comercial capturadas na área de estudo da Statoil	II.5.2.3–33/45
FIGURA II.5.2.3.20 - Mapa ilustrando as áreas consideradas prioritárias para a conservação da biodiversidade no que se refere aos recursos pesqueiros, nas zonas costeira e marinha da área de estudo	II.5.2.3–44/45
FIGURA II.5.2.4.1 - Maçarico-do-peito-vermelho (<i>Calidris canutus</i>)	II.5.2.4–13/32
FIGURA II.5.2.4.2 - Maçarico-rasteirinho (<i>Calidris pusilla</i>)	II.5.2.4–14/32
FIGURA II.5.2.4.3 – Maçarico-Acanelado (<i>Calidris subruficollis</i>)	II.5.2.4–14/32
FIGURA II.5.2.4.4 – Batuíra-bicuda (<i>Charadrius wilsonia</i>)	II.5.2.4–14/32
FIGURA II.5.2.4.5 – Trinta-réis-de-bico-vermelho (<i>Sterna hirundinacea</i>)	II.5.2.4–15/32
FIGURA II.5.2.4.6- Trinta-réis-real (<i>Thalasseus maximus</i>). (A) plumagem de período não-reprodutivo, e (B) plumagem reprodutiva	II.5.2.4–15/32
FIGURA II.5.2.4.7 – Pardela-preta (<i>Procellaria aequinoctialis</i>)	II.5.2.4–16/32
FIGURA II.5.2.4.8 – Pardela-de-óculos (<i>Procellaria conspicillata</i>)	II.5.2.4–16/32
FIGURA II.5.2.4.9 – Albatroz-de-nariz-amarelo (<i>Thalassarche chlororhynchos</i>)	II.5.2.4–17/32
FIGURA II.5.2.4.10 – Albatroz-real-do-norte (<i>Diomedea sanfordi</i>)	II.5.2.4–17/32
FIGURA II.5.2.4.11 – Albatroz-gigante (<i>Diomedea exulans</i>)	II.5.2.4–18/32
FIGURA II.5.2.4.12 – Albatroz-de-tristão (<i>Diomedea dabbenena</i>)	II.5.2.4–18/32
FIGURA II.5.2.4.13 – Albatroz-real (<i>Diomedea epomophora</i>)	II.5.2.4–18/32
FIGURA II.5.2.4.14 – Graziña-de-barriga-branca (<i>Pterodroma incerta</i>)	II.5.2.4–19/32
FIGURA II.5.2.4.15 – Graziña-de-Trindade (<i>Pterodroma arminjoniana</i>)	II.5.2.4–19/32
FIGURA II.5.2.4.16. Proporção entre espécies migratórias e residentes (à esquerda) e percentual de origem das espécies migratórias, à direita, de um total de 125 espécies de ocorrência comprovada ou potencial para a área de estudo	II.5.2.4–20/32
FIGURA II.5.2.4.17 – Rotas migratórias adotadas pelas aves marinhas neárticas	II.5.2.4–20/32
FIGURA II.5.2.4.18 – Albatroz-de-cabeça-cinza (<i>Thalassarche chrysostoma</i>), ave migratória ameaçada de extinção em nível global (IUCN, 2016)	II.5.2.4–21/32
FIGURA II.5.2.4.19 – Localização das ilhas costeiras de relevante importância para reprodução e abrigo da avifauna marinha no litoral de Santa Catarina	II.5.2.4–23/32
FIGURA II.5.2.4.20 - Mapa ilustrando as áreas consideradas prioritárias para a conservação da biodiversidade no que se refere a aves, nas zonas costeira e marinha da área de estudo (MMA, 2007)	II.5.2.4–30/32
FIGURA II.5.2.5.1 – Boto-cinza (<i>Sotalia guianensis</i>)	II.5.2.5–7/27
FIGURA II.5.2.5.2 – Mapa de distribuição do boto-cinza	II.5.2.5–8/27
FIGURA II.5.2.5.3 – Toninha (<i>Pontoporia blainvillei</i>)	II.5.2.5–9/27

FIGURA II.5.2.5.4 – Mapa de distribuição da toninha evidenciando os dois hiatus	II.5.2.5–10/27
FIGURA II.5.2.5.5 – Cachalote (<i>Physeter macrocephalus</i>)	II.5.2.5–10/27
FIGURA II.5.2.5.6 – Baleia-franca-austral (<i>Eubalaena australis</i>)	II.5.2.5–11/27
FIGURA II.5.2.5.7 – Baleia-sei (<i>Balaenoptera borealis</i>)	II.5.2.5–12/27
FIGURA II.5.2.5.8 – Baleia-azul (<i>Balaenoptera musculus</i>)	II.5.2.5–13/27
FIGURA II.5.2.5.9 – Baleia-fin (<i>Balaenoptera physalus</i>)	II.5.2.5–13/27
FIGURA II.5.2.5.10 – Mapa de distribuição dos registros de pinípedes em Santa Catarina, entre os anos de 2000 e 2010: (A) <i>A. australis</i> e <i>A. tropicalis</i> ; e (B) demais espécies	II.5.2.5–15/27
FIGURA II.5.2.5.11 – Mapa de distribuição dos registros de <i>A. tropicalis</i> no litoral do Rio de Janeiro, entre os anos de 1994 e 2006	II.5.2.5–16/27
FIGURA II.5.2.5.12 – Localização das baleias-jubarte monitoradas por satélite de 2001 até 2012 indicando dois padrões distintos de migração: um mais costeiro e outro mais oceânico	II.5.2.5–19/27
FIGURA II.5.2.5.13 - Áreas prioritárias para conservação de cetáceos na área de estudo	II.5.2.5–25/27
FIGURA II.5.2.6.1 - Manguezal do Itacorubi, Florianópolis (SC)	II.5.2.6–2/21
FIGURA II.5.2.6.2- Manguezal de Palhoça, Palhoça (SC)	II.5.2.6–4/21
FIGURA II.5.2.6.3 – Marismas de Santa Catarina	II.5.2.6–5/21
FIGURA II.5.2.6.4 – Zonação da vegetação de restinga	II.5.2.6–6/21
FIGURA II.5.2.6.5 – Restinga do Parque Estadual do Rio Vermelho	II.5.2.6–8/21
FIGURA II.5.2.6.6 – Praia do Saquinho, Florianópolis (SC)	II.5.2.6–9/21
FIGURA II.5.2.6.7– Praia da Pinheira, Palhoça (SC)	II.5.2.6–10/21
FIGURA II.5.2.6.8 – Localização dos cinco campos de dunas entre Florianópolis e Imbituba (A) Barra-Ouvidor (Ouvidor); (B) Siriú-Morro da Antena (Garopaba); (C) Pinheira-Rio da Madre (Pinheira); (D) Campeche-Conceição (Joaquina); e (E) Moçambique-Ingleses (Ingleses)	II.5.2.6–11/21
FIGURA II.5.2.6.9 – Dunas de Joaquina, Florianópolis (SC)	II.5.2.6–12/21
FIGURA II.5.2.6.10 - Costão Rochoso do Cabo de Santa Marta, Laguna (SC)	II.5.2.6–13/21
FIGURA II.5.2.6.11 – Estuário do Rio Ratonos, Florianópolis (SC)	II.5.2.6–15/21
FIGURA II.5.2.6.12 – Lagoa de Santo Antônio, Laguna (SC)	II.5.2.6–16/21
FIGURA II.5.2.6.13 - Lagoa de Ibraquera, Laguna (SC)	II.5.2.6–17/21
FIGURA II.5.2.6.14 – Mapa com as áreas prioritárias para conservação dos ecossistemas presentes na área de estudo	II.5.2.6–19/21
FIGURA II.5.4.1 – Mapa com as áreas prioritárias para conservação da zonas marinha e costeira presentes na área de estudo	II.5.4.5/20
FIGURA II.5.4.2 – Distribuição de corais de águas profundas na área de estudo do Bloco BM-S-8, Bacia de Santos.	II.5.4.19/20
Figura II.7.2.1.1 – Percentual de classes de magnitude (a) e importância (b) para os impactos operacionais identificados	II.7-87/246
FIGURA II.7.2.1.2 – Principais processos de intemperismo que atuam na mancha de óleo após o vazamento (SILVA, 2004)	II.7-99/246
FIGURA II.7.2.1.3 – Persistência de óleo em ambientes marinhos costeiros mais protegidos e abertos (IPIECA, 1995)	II.7-122/246
FIGURA II.7.2.1.4 – Tempo de recuperação do bentos no litoral (IPIECA, 1991)	II.7-123/246
FIGURA II.7.2.1.5- Probabilidade de presença de óleo no fundo marinho, durante o Período 1	II.7-125/246
FIGURA II.7.2.1.6- Probabilidade de presença de óleo no fundo marinho durante o Período 2	II.7-126/246
FIGURA II.8.1 – Localização da atividade de perfuração marítima exploratória no Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.8-2/7
FIGURA II.8.2 – Rota das embarcações de apoio	II.8-4/7
FIGURA II.8.3 – Área de Influência da atividade	II.8-7/7
FIGURA II.9.2.1 – Taxas de descargas por milhão de horas trabalhadas em sondas de perfuração marítimas, de 2012 a 2015	II.9-15/287

FIGURA II.9.2.2 – Taxas de princípios de incêndio por milhão de horas trabalhadas em sondas de perfuração marítimas, de 2012 a 2015	II.9-15/287
FIGURA II.9.2.3 – Taxas de vazamentos de gás inflamável por milhão de horas trabalhadas em sondas de perfuração marítimas, de 2012 a 2015	II.9-15/287
FIGURA II.9.2.4 – Taxas de paradas não programadas por milhão de horas trabalhadas em sondas de perfuração marítimas, de 2012 a 2015	II.9-15/287
FIGURA II.9.3.1 – Modelo de APR	II.9-37/287
FIGURA II.9.3.2 – Distribuição dos cenários acidentais na matriz de risco	II.9-91/287
FIGURA II.9.4.1.1 – Probabilidade de presença de óleo em superfície e coluna d'água para o CENÁRIO 1 (Período 1; volume: 8 m ³ ; 30 dias de simulação)	II.9-109/287
FIGURA II.9.4.1.2 – Probabilidade de presença de óleo em superfície e coluna d'água para o CENÁRIO 2 (Período 2; volume: 8 m ³ ; 30 dias de simulação)	II.9-110/287
FIGURA II.9.4.1.3 – Probabilidade de presença de óleo em superfície e coluna d'água para o CENÁRIO 3 (Período 1; volume: 200 m ³ ; 30 dias de simulação)	II.9-111/287
FIGURA II.9.4.1.4 – Probabilidade de presença de óleo em superfície e coluna d'água para o CENÁRIO 4 (Período 2; volume: 200 m ³ ; 30 dias de simulação)	II.9-112/287
FIGURA II.9.4.1.5 – Probabilidade de presença de óleo em superfície e coluna d'água para o CENÁRIO 5 (Período 1; volume: 1.167.000 m ³ ; 60 dias de simulação)	II.9-113/287
FIGURA II.9.4.1.6 – Probabilidade de presença de óleo em superfície e coluna d'água para o CENÁRIO 6 (Período 2; volume: 1.167.000 m ³ ; 60 dias de simulação)	II.9-114/287
FIGURA II.9.4.2.1 – Componentes e Subcomponente de Valor Ambiental identificados	II.9-115/287
FIGURA II.9.4.2.2 – Localização dos manguezais na área com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso.	II.9-119/287
FIGURA II.9.4.2.3 – Localização dos manguezais na área com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-120/287
FIGURA II.9.4.2.4 – Localização dos estuários nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-129/287
FIGURA II.9.4.2.5 – Localização dos estuários nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-130/287
FIGURA II.9.4.2.6 – Localização das praias arenosas nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-135/287
FIGURA II.9.4.2.7 – Localização das praias arenosas nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-136/287
FIGURA II.9.4.2.8 – Localização dos costões rochosos nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-141/287
FIGURA II.9.4.2.9 – Localização dos costões rochosos nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-142/287
FIGURA II.9.4.2.10 – Localização das marismas nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-151/287
FIGURA II.9.4.2.11 – Localização das marismas nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-152/287
FIGURA II.9.4.2.12 – Área de ocorrência de recursos pesqueiros oceânicos nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-159/287
FIGURA II.9.4.2.13 - Área de ocorrência de recursos pesqueiros oceânicos nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-160/287
FIGURA II.9.4.2.14 - Área de ocorrência de recursos pesqueiros costeiros nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-161/287
FIGURA II.9.4.2.15 - Área de ocorrência de recursos pesqueiros costeiros nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-162/287
FIGURA II.9.4.2.16 – Taxa de depuração de recursos pesqueiros após contaminação por óleo	II.9-167/287
FIGURA II.9.4.2.17 – Área de ocorrência de cetáceos nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-174/287
FIGURA II.9.4.2.18 – Área de ocorrência de cetáceos nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-174/287

FIGURA II.9.4.2.19 – Quatro membros do grupo AT1 (itinerante) próximo ao Exxon Valdez menos de 24h após o vazamento.	II.9-180/287
FIGURA II.9.4.2.20 - Área de ocorrência de populações residentes de <i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-184/287
FIGURA II.9.4.2.21 - Área de ocorrência de populações residentes de <i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-185/287
II.9.4.2.22 – Área de ocorrência de populações de <i>Pontoporia blainvillei</i> (toninha) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-187/287
FIGURA II.9.4.2.23 – Área de ocorrência de populações de <i>Pontoporia blainvillei</i> (toninha) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-188/287
FIGURA II.9.4.2.24 – Área de concentração reprodutiva de baleia-franca-austral (<i>Eubalaena australis</i>) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-190/287
FIGURA II.9.4.2.25 – Área de concentração reprodutiva de baleia-franca-austral (<i>Eubalaena australis</i>) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-191/287
Figura II.9.4.2.26 – Áreas de concentração de pinípedes nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-193/287
Figura II.9.4.2.27 – Áreas de concentração de pinípedes e as áreas com probabilidade de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso. Nesse caso, é possível perceber ausência de possibilidade de toque de óleo no CVA Pinípedes	II.9-194/287
FIGURA II.9.4.2.28 – Área de ocorrências não reprodutivas de tartarugas marinhas nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-202/287
FIGURA II.9.4.2.29 – Área de ocorrência não reprodutiva de tartarugas marinhas nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-203/287
FIGURA II.9.4.2.30- Número de tartarugas reportadas durante o vazamento de óleo da Deepwater Horizon	II.9-208/287
FIGURA II.9.4.2.31 – Áreas de ocorrência de avifauna marinha costeira nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-212/287
FIGURA II.9.4.2.32 – Áreas de ocorrência de avifauna marinha costeira nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-213/287
FIGURA II.9.4.2.33 – Áreas de ocorrência de avifauna marinha oceânica nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 1 (Setembro a Fevereiro), modelagem de pior caso	II.9-214/287
FIGURA II.9.4.2.34 – Áreas de ocorrência de avifauna marinha oceânica nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no Período 2 (Março a Agosto), modelagem de pior caso	II.9-215/287
FIGURA II.9.4.3.1 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Aves Marinhas Costeiras nos cenários 5 (Pior caso – Período 1) e 6 (Pior caso – Período 2). O zoom destaca as regiões de maior probabilidade de presença de óleo de cada cenário.	II.9-228/287
FIGURA II.9.4.3.2 - Probabilidade de presença de óleo nos CVAs Avifauna Marinha Oceânica, Cetáceos e Tartarugas Marinhas nos cenários 1 (8 m ³ – Período 1) e 2 (8 m ³ – Período 2)	II.9-230/287
FIGURA II.9.4.3.3 - Probabilidade de presença de óleo nos CVAs Avifauna Marinha Oceânica, Cetáceos e Tartarugas Marinhas nos cenários 3 (200 m ³ – Período 1) e 4 (200 m ³ – Período 2)	II.9-231/287
FIGURA II.9.4.3.4 - Probabilidade de presença de óleo nos CVAs Avifauna Marinha Oceânica, Cetáceos e Tartarugas Marinhas nos cenários 5 (1.167.000 m ³ – Período 1) e 6 (1.167.000 m ³ – Período 2)	II.9-232/287
FIGURA II.9.4.3.5 - Probabilidade de presença de óleo no SVA – Cetáceos – Boto-cinza (<i>Sotalia guianensis</i>) nos cenários 5 (Pior caso – Período 1) e 6 (Pior caso – Período 2). Em zoom estão destacadas as regiões de maior probabilidade de presença de óleo em cada cenário	II.9-234/287
FIGURA II.9.4.3.6 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Toninha (<i>Pontoporia blainvillei</i>) nos cenários 5 (1.167.000 m ³ – Período 1) e 6 (1.167.000 m ³ – Período 2)	II.9-236/287
FIGURA II.9.4.3.7 - Probabilidade de presença de óleo no SVA – Reprodução de baleia-franca-austral (<i>Eubalaena australis</i>) no cenário 5 (1.167.000 m ³ – Período 1) e 6 (1.167.000 m ³ – Período 2)	II.9-238/287

FIGURA II.9.4.3.8 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Costeiros nos cenários 5 (Pior caso – Período 1) e 6 (Pior caso – Período 2)	II.9-240/287
FIGURA II.9.4.3.9 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Oceânicos nos cenários 1 (8 m ³ – Período 1) e 2 (8 m ³ – Período 2)	II.9-242/287
FIGURA II.9.4.3.10 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Oceânicos nos cenários 3 (200 m ³ – Período 1) e 4 (200 m ³ – Período 2)	II.9-243/287
FIGURA II.9.4.3.11 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Oceânicos nos cenários 5 (1.167.000 m ³ – Período 1) e 6 (1.167.000 m ³ – Período 2)	II.9-244/287
FIGURA II.9.4.3.22 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Pinípedes no cenário 5 (Pior caso – Período 1). Em zoom estão destacadas as regiões do CVA em que há probabilidade de presença de óleo	II.9-246/287
FIGURA II.9.4.3.23 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Marismas nos cenários 5 (Pior caso – Período 1) e 6 (Pior caso – Período 2). Em zoom estão destacadas as regiões de maior probabilidade de presença de óleo em cada cenário	II.9-248/287
FIGURA II.9.4.3.24 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recifes Rochosos nos cenários 5 (Pior caso – Período 1) e 6 (Pior caso – Período 2). Em zoom estão destacadas as regiões de maior probabilidade de presença de óleo em cada cenário	II.9-250/287
FIGURA II.9.4.3.25 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Praias Arenosas nos cenários 5 (Pior caso – Período 1) e 6 (Pior caso – Período 2). Em zoom estão destacadas as regiões de maior probabilidade de presença de óleo em cada cenário	II.9-252/287
FIGURA II.9.4.3.26 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Manguezais nos cenários 5 (Pior caso – Período 1) e 6 (Pior caso – Período 2). Em zoom estão destacadas as regiões de maior probabilidade de presença de óleo em cada cenário	II.9-254/287
FIGURA II.9.4.3.27 - Probabilidade de presença de óleo no CVA – Estuários nos cenários 5 (Pior caso – Período 1) e 6 (Pior caso – Período 2). Em zoom estão destacadas as regiões de maior probabilidade de presença de óleo em cada cenário	II.9-256/287
II.9.5.1 – Risco Ambiental de todos os Componentes e Subcomponentes de Valor Ambiental para cada cenário de vazamento	II.9-261/287
FIGURA II.9.6.1 – Tolerabilidade de cada Componente e Subcomponente de Valor Ambiental, para cada cenário de vazamento de óleo	II.9-265/287
PLANO DE EMERGÊNCIA INDIVIDUAL - PEI	
FIGURA 1 – Mapa de localização do Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.10-5/49
FIGURA 2 - Fluxograma para Acionamento do PEI em caso de Derramamento de Óleo no Mar	II.10-10/49
FIGURA 3 – Estrutura Organizacional de Resposta (EOR) corporativa da Statoil	II.10-13/49
FIGURA 4 – Layout da área de emergência	II.10-15/49
FIGURA 5 – Fotos da sala de emergência	II.10-16/49
FIGURA 6 – Fotos de uma das salas de reunião disponíveis na área de emergência	II.10-16/49
FIGURA 7 – Estrutura Organizacional de Resposta (EOR) da Statoil (Linha 2)	II.10-18/49
FIGURA 8 – Linha 1 da EOR da Statoil	II.10-19/49
FIGURA 9 – Fluxograma Geral dos principais procedimentos operacionais de resposta	II.10-33/49
FIGURA 10 – Posicionamento das embarcações de resposta em relação à unidade de perfuração	II.10-35/49
FIGURA 11 – Distâncias Estratégicas (Bloco BM-S-8 localizado na Bacia de Santos e o Campo de Peregrino)	II.10-36/49
PROJETO DE MONITORAMENTO AMBIENTAOL - PMA	
FIGURA II.11.1.1. Localização dos poços previstos no Bloco BM-S-8, na Bacia de Santos	II.11.1-2/9
FIGURA II.11.1.2. Esquema de transecto radial para inspeção de fundo através de ROV sobre e no entorno de cada poço, a ser perfurado no Bloco BM-S-8, Bacia do Santos	II.11.1-5/9

ÍNDICE DE MAPAS	PÁGINAS
MAPA II.5.1.2.1 – Mapa Estrutural	II.5.1.2-Anexo A
MAPA II.5.1.2.2 – Mapa Fisiográfico	II.5.1.2-Anexo C
MAPA II.5.1.2.3 – Mapa Faciológico	II.5.1.2-Anexo D
MAPA II.5.2.1.1 – Área de Ocorrência de Bancos Biogênicos	II.5.2.1-20/20
MAPA II.5.2.2.1 – Rotas Migratórias de Quelônios	II.5.2.2-25/25
MAPA II.5.2.4.1 – Área de Concentração de Aves	II.5.2.4-32/32
MAPA II.5.2.5.1 – Área de Concentração de Mamíferos Marinhos	II.5.2.5-27/27
MAPA II.5.2.6.1 – Ecossistemas	II.5.2.6-21/21
MAPA II.5.3.1 – Bases de Apoio Localizadas na Área de Estudo	II.5.3
MAPA II.5.3.2 – Bases de Apoio Localizadas na Área de Estudo	II.5.3
MAPA II.5.3.3 - Comunidades Pesqueiras dos Municípios da Área de Estudo	II.5.3
MAPA II.5.3.4 – Área de Pesca Artesanal - Município de Itapemirim / ES	II.5.3
MAPA II.5.3.5 – Área de Pesca Artesanal - Município de São João da Barra / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.6 – Área de Pesca Artesanal - Município de Macaé / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.7 – Área de Pesca Artesanal - Município de Cabo Frio / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.8 – Área de Pesca Artesanal - Município de Maricá / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.9 – Área de Pesca Artesanal - Município de Itaboraí / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.10 – Área de Pesca Artesanal - Município de São Gonçalo /RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.11 – Área de Pesca Artesanal - Municípios de Niterói /RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.12 – Área de Pesca Artesanal - Município de Magé /RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.13 – Área de Pesca Artesanal - Município de Duque de Caxias / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.14 – Área de Pesca Artesanal - Município do Rio de Janeiro / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.15 – Área de Pesca Artesanal - Município de Angra dos Reis / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.16 – Área de Pesca Artesanal - Município de Paraty / RJ	II.5.3
MAPA II.5.3.17 – Área de Pesca Artesanal - Município de Porto Belo / SC	II.5.3
MAPA II.5.3.18 – Área de Pesca Artesanal - Município de Bombinhas / SC	II.5.3
MAPA II.5.3.19 – Área de Pesca Artesanal - Município de Florianópolis / SC	II.5.3
MAPA II.5.3.20 – Área de Pesca Artesanal - Município de Palhoça/ SC	II.5.3
MAPA II.5.3.21 – Área de Pesca Artesanal- Município de Paulo Lopes/ SC	II.5.3
MAPA II.5.3.22 – Área de Pesca Artesanal - Município de Garopaba/ SC	II.5.3
MAPA II.5.3.23 – Área de Pesca Artesanal - Município de Imbituba / SC	II.5.3
MAPA II.5.3.24 – Área de Pesca Artesanal - Município de Laguna/ SC	II.5.3
MAPA II.5.4.1 – Mapa da Síntese da Qualidade Ambiental	II.5.4-20/20
MAPA II.5.4.2 - Mapa dos Empreendimentos e Atividades de Petróleo e Gás	II.5.4-20/20